

INOVAR PARA ENSINAR: O EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Rita de Cássia Silva COSTA (1); Myriam Angélica DORNELAS (2)

(1) Coordenadoria de Recursos Humanos – CEFET-BAMBUÍ; (2) Departamento de Ciências Gerenciais – CEFET-BAMBUÍ

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo demonstrar que as características empreendedoras podem ser aprendidas no sistema de ensino, quer seja para o exercício de qualquer função, pública ou privada, como empregado ou por opção pela livre iniciativa. O levantamento das informações junto aos alunos, professores e diretores do Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí, sobre o grau de conhecimento e o interesse destes sobre o tema empreendedorismo foi obtido a partir da pesquisa de natureza quantitativo-descritiva pelo método *survey*. A coleta de dados foi feita por meio de questionários específicos direcionados ao corpo docente, discente, coordenadores de cursos e diretores ligados à área de ensino. Em seguida, esses dados foram interpretados e analisados para verificar a viabilidade da presente proposta. Após as análises dos questionários, distribuídos em todos os segmentos ligados à área de ensino do CEFET-BAMBUÍ, foi possível responder aos objetivos propostos. Sobre a implantação da disciplina empreendedorismo, o presente trabalho revelou seu valor: mais de noventa por cento dos alunos e coordenadores de cursos e os diretores ligados à área de ensino, na sua totalidade, concordaram com a proposta sugerida.

Palavras-chave: Empreendedorismo, educação empreendedora, CEFET-BAMBUÍ.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o novo cenário mundial exige mudanças caracterizadas, principalmente, pela inovação, criatividade e a quebra de paradigmas. Para atender a essas exigências e se manterem competitivas, as organizações precisam de pessoas dinâmicas, criativas e empreendedoras e as escolas de formação profissional devem desempenhar sua função neste novo perfil. Há que se considerar a importância desse profissional na dinâmica de crescimento da economia de um país. Assim, surge o empreendedorismo como fenômeno cultural fortemente embasado no processo educacional, apontado como prioridade na política de qualquer país que queira desenvolver inovações e competir no mundo globalizado.

Em termos atuais, verifica-se que algumas escolas estão estimulando o empreendedorismo, favorecendo o desenvolvimento de determinadas habilidades tais como: capacidade de trabalhar em equipe, de comunicação oral e escrita, de apresentar novas idéias, de administrar o tempo, de atuar com autonomia para aprender e habilidades de desenvolver novas técnicas.

Ao longo dos últimos anos, o CEFET/BAMBUÍ desenvolveu diversos cursos Técnicos e de Graduação Tecnológica, baseados em uma filosofia de ensino que procura conciliar teoria e prática, associando o pensar e o fazer em um processo único, desenvolvido de forma simultânea. Neste processo, são desenvolvidos trabalhos e projetos que podem e devem ser colocados em prática por parte dos futuros egressos.

O presente trabalho teve como objetivo levantar a possibilidade de implantar a disciplina “Empreendedorismo” como componente curricular modular nos cursos técnicos e tecnológicos oferecidos pelo CEFET/BAMBUÍ.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O aprofundamento dos estudos sobre empreendedorismo permite perceber sistemas de transferência do conhecimento que nos fazem entrar na era da sociedade do aprendiz.

Considerado pela teoria econômica clássica como uma “força externa” (Drucker, 1987 apud Dolabela, 2003) - figurando entre outros “imponderáveis” como clima, governo, política, pestilência, guerras —, o empreendedor passou a

* myriam@cefetbambui.edu.br e/ou cgrh@cefetbambui.edu.br.

ser considerado o principal ator do desenvolvimento econômico depois que, na década de 1930, Joseph A. Schumpeter, retomando o pensamento do precursor Jean-Baptiste Say (1767-1832), voltou o foco de sua teoria para o tripé “empreendedor, inovação e crescimento econômico” (DOLABELA, 2003).

Segundo Dolabela (2003) a partir de então, foi desvelado um segredo que tem a idade da civilização: a capacidade do ser humano de ser protagonista do próprio destino, de agir intencionalmente para modificar sua relação com o outro e com a natureza e de se recriar constantemente. Uma vez destampada a panela do tempo, o estudo do empreendedor atraiu a atenção de especialistas de diversas áreas. Não só economistas, mas também educadores, psicólogos, sociólogos, administradores, pesquisadores das áreas de ciências exatas. Tal miscelânea de bagagens teóricas — cada qual com seus paradigmas, metodologias, padrões de análise, experiências, conteúdos — não poderia produzir senão visões diferenciadas sobre o tema, o que explica a diversidade de definições, visões, abordagens que contribuem para o seu enriquecimento.

Esse novo olhar sobre a capacidade empreendedora nos permitiu transportá-la do seu berço original, a empresa — sem dele sair — para todas as atividades humanas. E, ao mesmo tempo, nos levou a ver o empreendedor como uma *forma de ser* e a identificar que o modo de ser define o empreendedor, independentemente do campo em que atue. Por isso mesmo, Dolabela (2003) qualificou o empreendedorismo como “uma forma de ser” defendendo a extrapolação da ação empreendedora para todas as atividades, lucrativas ou não-lucrativas. A percepção de que a geração do espírito empreendedor tem origem em valores, visão de mundo, práticas e relações sociais de uma dada comunidade é, talvez, uma das mais significativas conquistas desse campo, cujo transbordamento conceitual possibilitou a identificação de uma forma de empreender que representa o ventre de todas as demais manifestações: o *empreendedorismo coletivo*, que visa a geração do capital social.

Baumol (1993) estabeleceu uma clara diferença entre empreendedor organizador de empresa e o empreendedor inovador. Para os economistas, o empreendedorismo é uma função. Cabe mencionar as discórdias existentes sobre o tema, tanto entre os economistas quanto entre profissionais de outras áreas. Vários tentaram

teorizar em torno do fenômeno, mas não existe ainda nenhuma teoria econômica sobre o empreendedor que reúna consenso, nem modelo econômico que explique o desenvolvimento a partir da função empreendedora, pois esta é dificilmente quantificável.

Porém, Filion (1999) destaca que uma das grandes diferenças entre o empreendedor e as outras pessoas que trabalham em organizações é que o empreendedor define o objeto que vai determinar seu próprio futuro.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho teve como aporte a pesquisa quantitativa, além dos métodos básicos de pesquisa como o *survey* e a pesquisa descritiva, aplicando-se questionários aos alunos, coordenadores e diretores (mandato de 2004 a 2007) da instituição, através de uma análise probabilística por amostragem.

Para que se obtivesse representatividade das respostas, utilizou-se uma amostragem de 307 alunos, onde todos os elementos tiveram a chance de serem escolhidos. Após a coleta, os dados foram tratados e lançados no programa DYANE, versão 1.0 – 1997, os quais permitiram as seguintes análises estatísticas, com 95,5 % de nível de confiança. Os dados foram coletados e analisados no segundo semestre de 2006.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Considerações sobre a instituição estudada: CEFET-BAMBUÍ

Por 05 (cinco) vezes seguidas o CEFET foi contemplado com o Prêmio Técnico-Empreendedor MEC-SEBRAE, de caráter nacional.

4.2. O empreendedorismo na visão dos alunos do CEFET-BAMBUÍ

Os resultados da pesquisa demonstraram que, entre 307 alunos entrevistados, 64% são do sexo masculino, com predominância da faixa etária situada entre 18 e 22 anos. Um índice de 71,66% dos alunos pesquisados conhecem o termo empreendedorismo e, desse percentual, 90,54% admitem que deve ser ensinado nas escolas, fato que corrobora e confirma a validade desta pesquisa, por seu um número altamente significativo. Pouco mais da metade dos estudantes (51,14%) admitem não conhecer um plano de negócios. Esta é uma informação

importante porque admite-se que para empreender com sucesso é de vital importância um Plano de Negócios bem feito, analisando todos os aspectos do empreendimento de forma a reduzir os riscos. Destaca-se que um Plano de Negócios pode ser aprendido e é de vital importância para empreender.

3.2.1 Conhecimento sobre o termo empreendedorismo

Um índice de 36,02% de alunos nunca participaram de nenhuma atividade voltada para o empreendedorismo e, apenas 11,24 cursam ou cursaram a disciplina. A maioria do universo pesquisado (40,72%) ao selecionar a principal característica que comprova a capacidade empreendedora fez opção pela liderança e capacidade de trabalhar em equipe. Falta de conhecimentos gerenciais na opinião da grande maioria (74%) é a principal causa do fracasso das empresas nos 05 (cinco) primeiros anos.

3.2.2 Alunos que desejam trabalhar no próprio negócio e o conhecimento que têm sobre empreendedorismo

É surpreendente que, dos que desejam trabalhar em seu próprio negócio, 18,92% não conheçam o termo empreendedorismo; enquanto 81,08%, que assim o desejam, conhecem o termo, fato que reforça o tema de que o empreendedorismo realmente deve passar a fazer parte da estrutura curricular do CEFET-BAMBUÍ.

3.3 Percepção dos coordenadores de cursos sobre empreendedorismo

Os resultados da pesquisa demonstraram que, neste questionário foram consultados doze coordenadores de cursos, sendo 75% do sexo masculino.

3.3.1 Associar o termo empreendedorismo a uma única palavra

Somente duas palavras se repetiram: uma foi a palavra “visão”, justificada pelo fato de o empreendedor ter que acreditar no sucesso do negócio, visão de mercado e visão para investir. A outra foi “inovação”, porque acreditam que a principal característica do empreendedor deve ser esta. Um dos coordenadores não respondeu. As outras opções foram:

- Ousadia – porque o empreendedor deve ser ousado, criativo, ter atitude e vontade de vencer.
- Iniciativa – por ser uma qualidade básica para implementar o antigo ou criar-se algo novo.
- Trabalho – porque não se pode mais aguardar o emprego formal, sendo necessário criar alternativas.
- Gerência – é necessário gerenciar tempo, dinheiro e pessoas, considerando que isto é a chave do sucesso e, também, é necessário conhecimento das técnicas de gerenciamento.
- Criatividade – para implantar um empresa é necessário ter criatividade nas idéias e tomada de decisões.
- Dinamismo – porque no mundo de hoje é necessário haver adaptação às possíveis mudanças que ocorrem, inclusive no caso do emprego.
- Lucro – o empreendedor visualiza uma oportunidade de lucrar onde os outros não a vêem.

3.3.2 O empreendedorismo pode ser ensinado nas escolas?

A grande maioria dos entrevistados, 91,67%, acredita que sim, enquanto apenas um professor discorda da afirmativa, fato que confere especial significado a esta pesquisa, sendo favorável ao objetivo da mesma, com a maioria das justificativas, baseando-se no fato de que o empreendedorismo e as habilidades que o compõem podem ser aprendidas.

3.3.3 Possibilidade de incluir a disciplina empreendedorismo em todos os cursos oferecidos pelo CEFET-BAMBUÍ

Exatamente metade dos coordenadores (50%) julgam importante a inclusão da disciplina, enquanto 41,67% a consideram indispensável, contra apenas 01 que acha desnecessário incluí-la. Somando os resultados, obtém-se 91,67%, correspondente a 11 entre 12 coordenadores que são favoráveis à inclusão da disciplina, contra apenas um contrário.

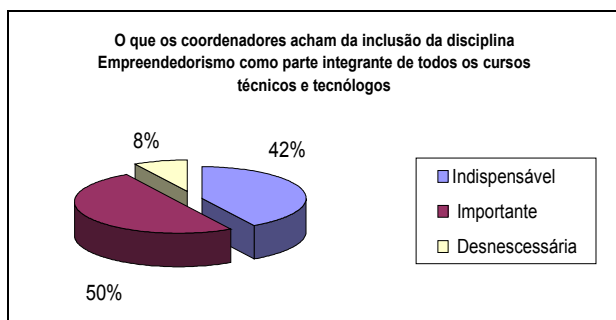


Gráfico 1: Opinião dos coordenadores quanto à importância da inclusão da disciplina Empreendedorismo
Fonte: Dados da pesquisa (2006)

3.3.4 Fatores que determinam ou incentivam o desenvolvimento do empreendedorismo

Nessa questão onde se pergunta o que incentiva o empreendedorismo, aparece em primeiro lugar o item número 1 (um): é essencial para um país que se encontra em estado de desenvolvimento econômico e social. As outras respostas ficaram classificadas da seguinte forma: em 2º lugar aparece o aspecto da empregabilidade, já que pequenas e médias empresas são os maiores empregadores do país; as profissões clássicas e o emprego tradicional estão em declínio, o que incentiva o indivíduo a estabelecer-se por conta própria aparece em 3º lugar, e finalmente, a existência da disciplina empreendedorismo como componente curricular de cursos profissionalizantes, aparece em 4º lugar.

3.3.5 As mudanças filosóficas importantes com relação ao perfil do empregado que se torna empreendedor

Metade dos entrevistados (50%) admitiram que a principal mudança filosófica que leva os empregados a se estabelecerem por conta própria é a de fazer a diferença no mundo, ao invés de reclamar das diferenças do mundo. Um terço, ou 33%, equivalente a 04 coordenadores acham que o principal fator motivacional é sair do desejo de segurança para o desejo da liberdade, enquanto os dois coordenadores restantes 16,67% acreditam que a motivação deriva do desejo de um salário estável para a busca da riqueza.

3.4. Crença dos diretores (2004-2007) do CEFET-Bambuí quanto à capacidade empreendedora

Constituído por apenas duas possibilidades de resposta, 16,67%, que corresponde a apenas um

membro da diretoria, respondeu que o empreendedorismo é uma capacidade inata, que acompanha o indivíduo desde o seu nascimento. Os demais membros da diretoria (2004-2007), maioria absoluta, com 83,33%, equivalente a cinco diretores afirmaram que o empreendedorismo pode ser ensinado nas instituições de ensino, através de uma disciplina específica. Este fato confere relevância ao propósito deste trabalho, demonstrando inclusive sua aceitação por parte da diretoria da instituição.

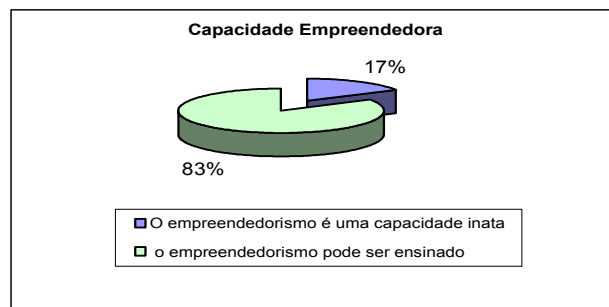


Gráfico 2: capacidade empreendedora é inata ou pode ser ensinada
Fonte: Dados da pesquisa (2006)

3.4.1. Possibilidade de inclusão da disciplina empreendedorismo em todos os cursos do CEFET-BAMBUÍ

Nesta questão, a resposta foi unânime: todos os membros da diretoria concordam em que o empreendedorismo deve ser incluído em todos os cursos oferecidos pelo CEFET-BAMBUÍ. A resposta é auto-explicativa, não merecendo maiores comentários e demonstrando o valor desta pesquisa para os alunos atuais e futuros do CEFET-BAMBUÍ, determinando a aceitação da pesquisa e a possibilidade de modificar o perfil profissional dos egressos através da introdução no currículo da disciplina sugerida.

4. CONCLUSÃO

É muito grande a desinformação sobre o tema “Empreendedorismo e sobre Plano de Negócios, sendo este último fator importante para que o primeiro traga resultados mais positivos. Este desconhecimento demonstra que falta ao CEFET-BAMBUÍ uma cultura empreendedora, provavelmente porque atualmente apenas alguns cursos possuem em sua grade curricular o empreendedorismo como disciplina. Sabe-se que

cultura é hábito: é necessário que o CEFET comece a refletir sobre este tema e tome providências urgentemente, porque problemas culturais somente são implantados a longo prazo e o desenvolvimento deste hábito exige uma modificação de postura por parte tanto da direção da instituição quanto do corpo docente.

Finalmente, sobre a implantação da disciplina “EMPREENDEDORISMO” como componente curricular nos cursos técnicos e tecnológicos oferecidos pelo CEFET-BAMBUÍ, na opinião de alunos, coordenadores e membros da diretoria, independentemente de qualquer segmento, todos concordam que o empreendedorismo pode ser ensinado, nesse sentido, o presente trabalho revela seu valor: o empreendedorismo deve e pode ser ensinado. Mais de 90% dos alunos e coordenadores de cursos, e 100% dos diretores ligados à área de ensino também concordam com a proposta feita neste trabalho.

Assim sendo, propõe-se à diretoria do CEFET-BAMBUÍ, pela validade da proposta feita, a inclusão desta disciplina em todos os cursos oferecidos aqui e nas unidades fora de sede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMOL, W.J. Formal entrepreneurship theory in economics: existence and bounds, **Journal of Business Venturing**, 1993. Vol. 3: 197-210.

DOLABELA, F. **Empreendedorismo**. Uma forma de ser. Brasília: AED, 2003.

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. **RAE**, São Paulo, v.34,n.2, p.5-28, abril/junho 1999.